

VESTIBULAR UFBA 2009

REDAÇÃO/PORTUGUÊS
2ª FASE - CADERNO 3

--	--	--	--	--	--	--	--

Nº DE INSCRIÇÃO

INSTRUÇÕES

Para a realização destas provas, você recebeu este Caderno de Questões, uma Folha de Resposta destinada à Redação e uma Folha de Respostas para as questões discursivas.

NÃO AMASSE, NÃO DOBRE, NÃO SUJE, NÃO RASURE ESTE MATERIAL.

1. Caderno de Questões

- Verifique se este Caderno de Questões contém as seguintes provas:
REDAÇÃO – 01 questão subjetiva;
PORTUGUÊS – 06 questões discursivas.
- Registre seu número de inscrição no espaço reservado para esse fim, na capa deste Caderno.
- Qualquer irregularidade constatada neste Caderno deve ser imediatamente comunicada ao fiscal de sala.
- Neste Caderno, você encontra dois tipos de questão:
De Redação – questão subjetiva, que visa avaliar a capacidade de expressão escrita do candidato, com base em tema proposto.
Discursiva – questão que permite ao candidato demonstrar sua capacidade de produzir, integrar e expressar idéias a partir de uma situação ou de um tema proposto e de analisar a interdependência de fatos, fenômenos e elementos de um conjunto, explicitando a natureza dessas relações.
- Leia cuidadosamente o enunciado de cada questão, formule suas respostas com objetividade e correção de linguagem, atendendo ao tema proposto. Em seguida, transcreva cada uma na respectiva Folha de Respostas.
- O rascunho deve ser feito nos espaços reservados junto das questões, neste Caderno.

2. Folhas de Respostas

As Folhas de Respostas são pré-identificadas, isto é, destinadas exclusivamente a um determinado candidato. Por isso, **não podem ser substituídas**, a não ser em situação excepcional, com autorização expressa da Coordenação dos trabalhos. Confira os dados registrados nos cabeçalhos e assine-os com caneta esferográfica de TINTA PRETA ou AZUL-ESCURA, sem ultrapassar o espaço reservado para esse fim.

2.1 Folha de Resposta destinada à Redação

- Nessa Folha de Resposta, você só deve utilizar o espaço destinado à Redação, o suficiente para desenvolver o tema.

2.2 Folha de Respostas destinada às questões discursivas

- Nessa Folha de Respostas, você deve observar a numeração das questões e **UTILIZAR APENAS O ESPAÇO-LIMITE** reservado à resposta de cada uma.

3. ATENÇÃO!

- Será **ANULADA** a prova que não seja respondida na Folha de Respostas correspondente ou que possibilite a identificação do candidato.
 - Nas Folhas de Respostas, **NÃO ESCREVA** na Folha de Correção, reservada ao registro das notas das questões. Registre, em **APENAS UMA** delas, o horário da conclusão de suas provas no espaço indicado no final da Folha.
-

ESTAS PROVAS DEVEM SER RESPONDIDAS PELOS CANDIDATOS AOS CURSOS DOS GRUPOS C e D.

GRUPO C

A dministração	E studos de G ênero e D iversidade
A rquivologia	F ilosofia
B iblioteconomia e D ocumentação	G eografia
C iências C ontábeis	H istória
C iências E conômicas	L icenciatura em E ducação F ísica
C iências S ociais	M useologia
C omunicação - J ornalismo	P edagogia
C omunicação - P rodução em C omunicação e C ultura	P sicologia
D ireito	S ecretariado E xecutivo
	S erviço S ocial

GRUPO D

Letras **V**ernáculas

Letras **V**ernáculas e **L**íngua **E**strangeira **M**oderna

Língua **E**strangeira **M**oderna ou **C**lássica

Língua **E**strangeira - **I**nglês / **E**spanhol

Redação

- Escreva sua Redação, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no local apropriado do Caderno de Questões.
- Na Folha de Resposta, utilize apenas o espaço a ela destinado.
- Assine a prova APENAS NO CABEÇALHO. A assinatura no campo da resposta ANULARÁ a sua Redação!
- Será atribuída pontuação ZERO à Redação que
 - não se atenha ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível;
 - esteja escrita em verso;
 - apresente texto padronizado, comum a vários candidatos;
 - NÃO SEJA RESPONDIDA NA RESPECTIVA FOLHA DE RESPOSTA;
 - ESTEJA ASSINADA FORA DO LOCAL APROPRIADO;
 - POSSIBILITE, DE ALGUMA FORMA, A IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO.

Os textos apresentados a seguir deverão servir de base para uma reflexão sobre a família brasileira.

I.

Para percorrer a trajetória da família brasileira, o ponto de partida é, inevitavelmente, a família patriarcal. No entanto, esta não pode ser considerada o único modelo. [...]

Sem dúvida alguma, a família patriarcal teve um papel fundamental nas formas de organização política, nas relações de trabalho e de poder e nas relações interpessoais, deixando como herança o coronelismo, o populismo e, até mesmo, os traços de cordialidade típicos do brasileiro.

[...]

Nos últimos 50 anos,
a família brasileira sofreu
profundas modificações.
Os processos sociais,
culturais e econômicos
afetaram
significativamente
as relações entre pais e filhos,
as do casal,
a educação da criança,
a disciplina no lar,
as identificações
estabelecidas pelos
jovens.

NASCIMENTO, A. B. **Quem tem medo da geração *shopping*?**: uma abordagem psicossocial. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo. EDUFBA, 1999. p. 57-59.

II.

No dia em que eu vim-me embora	Vi que não entendia nada
Minha mãe chorava em ai	Nem de pro que eu ia indo
Minha irmã chorava em ui	Nem dos sonhos que eu sonhava
E eu nem olhava pra trás	Senti apenas que a mala de couro que eu
No dia em que eu vim-me embora	[carregava]
Não teve nada de mais	Embora estando forrada
Mala de couro forrada com pano forte brim cáqui	Fedia, cheirava mal
Minha vó já quase morta	Afora isto ia indo, atravessando, seguindo
Minha mãe até a porta	Nem chorando nem sorrindo
Minha irmã até a rua	Sozinho pra Capital
E até o porto meu pai	Nem chorando nem sorrindo
O qual não disse palavra durante todo o caminho	Sozinho pra Capital
E quando eu me vi sozinho	Sozinho pra Capital.

VELOSO, C. **No dia em que eu vim-me embora**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/I44569>>. Acesso em: 2 ago. 2008.

III.

Eu passei muito tempo aprendendo a beijar	Quando me vir beijar outro homem qualquer
Outros homens como beijo o meu pai	Diga a ele que eu quando beijo um amigo
Eu passei muito tempo pra saber que a mulher	Estou certo de ser alguém como ele é
Que eu amei, que amo, que amarei	Alguém com sua força pra me proteger
Será sempre a mulher como é minha mãe	Alguém com seu carinho pra me confortar
Como é, minha mãe? Como vão seus temores?	Alguém com olhos e coração bem abertos
Meu pai, como vai?	Para me compreender
Diga a ele que não se aborreça comigo	

GIL, G. **Pai e mãe**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/46231>>. Acesso em: 2 ago. 2008.

IV.

A casa de meu pai, abrigo certo, minha dimensão de mundo. Ali, minha mãe se inscrevia, em silêncios e sussurros. Às vezes, quando meu pai não estava em casa, eu a ouvia cantar, em voz baixa, suspiros e olhar perdido. Não eram as músicas do rádio, mas cantigas que só ela sabia e falavam de amor ou de dança, num salão todo cheio de flores. Minha mãe repetia certas frases. Normas de vida. Em primeiro lugar, o marido, em segundo, o marido, em terceiro, o marido. Depois, os filhos. Sim, ela era muito feliz. Toda cheirosa, à espera de que meu pai voltasse do trabalho. Ela o esperava. Perfumes, silêncios, sussurros. Seu sorriso pequeno. Eu olhava. De longe.

CUNHA, H. P. **Mulher no espelho**. São Paulo: Art Ed. 1985. As escritoras, v. 4. p. 21.

V.



GLAUCO. Casal Neuras. **Folha de S. Paulo**: Revista Família Brasileira. São Paulo, 7 out. 2007. p. 65.

VI.

A cena do filme “Esqueceram de mim” (1992), em que a família enorme lota um único carro para viajar e logo começa o *check-in*, se repete final de semana sim, final de semana não, na casa de um casal e de seus seis filhos. Epa! Seis? Numa época em que a maioria dos casais tem dois filhos, de onde surgiu tanta criança?

Nada errado com o *script* dos dois filhos. O fenômeno aqui é de outra natureza, conectada não ao passado de proles enormes, e sim à, digamos, “miscigeração” — para cunhar um neologismo que tende a dar conta das novas famílias com filhos de casamentos desfeitos e refeitos.

BERGAMASCO, D.; BARBIERI, C. Bem-vindo à “miscigeração”. **Folha de S. Paulo**: Revista Família Brasileira. São Paulo, 7 out. 2007. p. 58.

A partir da leitura dos textos apresentados e incorporando sua experiência de vida, elabore um texto argumentativo em que você discuta **as diferentes realidades da família brasileira**.

Atenção!

Use a forma de prosa que julgar conveniente, entretanto, se escolher o gênero epistolar, lembre-se de que **não deverá utilizar nenhuma identificação**. Para respeitar a estrutura do texto, utilize um “Y” em lugar da assinatura.

RASCUNHO

Português – QUESTÕES de 01 a 06

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, identifique o número das questões e utilize APENAS o espaço correspondente a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
 - não se atenha à situação apresentada ou ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
 - NÃO SEJA RESPONDIDA NA RESPECTIVA FOLHA DE RESPOSTAS;
 - ESTEJA ASSINADA FORA DO LOCAL APROPRIADO;
 - POSSIBILITE A IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO.

Questão 01 (Valor: 20 pontos)



GOUVEIA, L. A. C. **Fala Menino!**: asas da imaginação. Coletânea de tiras em quadrinhos publicadas em jornais. Salvador: Fala Menino! Produções, v. 4, p. 77, 2002.

Normalmente, o gênero de um texto é que vai determinar a variedade de linguagem que deve ser empregada como suporte na escrita. O autor, através da tirinha, recria o ambiente do bate-papo virtual.

Faça um comentário sobre a linguagem característica do espaço virtual — presente na tirinha — focalizando, principalmente, a ortografia utilizada, sua aceitabilidade e o seu entendimento como um novo meio de interação.

Questão 02 (Valor: 15 pontos)

Os franceses desprezavam os gregos. Os gregos desprezavam os italianos. Os italianos desprezavam os egípcios, os egípcios desprezavam todo mundo e todo mundo desprezava os judeus.

A frase é de Roger Peyrefitte, descrevendo o ambiente da Universidade do Cairo por ocasião de uma das crises que envolviam o nacionalismo árabe.

Pinço a frase e medito sobre ela. Infelizmente, sempre foi assim, não apenas em relação à nacionalidade de cada um, mas também em relação ao sexo, religião, faixa etária, preferências literárias, musicais, entre outras. O desprezo pela opinião do outro, e mais do que pela opinião, pela condição do outro, acompanha a trajetória do homem pela história.

Fala-se na juventude, espera-se dela um comportamento melhor, ela própria se acredita o estágio mais bacana da evolução do homem na face da Terra. Mas os jovens se formam e informam através do desprezo e desse modo repetem e agravam o incrível carrossel de burrice e violência que acompanha a humanidade desde que o primeiro macaco descobriu que, com o osso do seu inimigo, podia matar os inimigos. Foi assim que o macaco deu o salto na escala zoológica e se tornou antropóide, mais tarde homem.

No caso daqueles que se acreditam na vanguarda da história, eles apenas mudam o objeto do desprezo, a gíria, o visual, mas continuam a repetir a mesma tolice das gerações anteriores, dividindo primariamente o bem do mal, o vermelho do preto, o sim do não. Outro dia, reli as cartas que Mário de Andrade insistia em mandar a seus admiradores. Ele rompia com um passado na medida em que criava um novo passado. A condição de jovem acaba se limitando a uma veste, a códigos que já nascem velhos.

É bobagem negar o passado, que nada mais é do que a sucessão fluida de presentes.

CONY, C. H. Passado & Presente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 15 out. 2006. Opinião, p. A2.

No texto, Carlos Heitor Cony faz uma reflexão sobre a relação do homem com o “diferente”.

A partir de sua leitura, aponte o motivo que provocou essa reflexão e comente o ponto de vista do autor.

Questão 03 (Valor: 20 pontos)

Fechava a fila das primeiras lavadeiras, o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um **cabelinho** castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao **pescocinho** mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo; em presença dele falavam de coisas que não exporiam em presença de outro homem; faziam-no até confidente dos seus amores e das suas infidelidades, com uma franqueza que o não revoltava, nem comovia. Quando um casal brigava ou duas amigas se disputavam, era sempre Albino quem tratava de reconciliá-los, exortando as mulheres à concórdia. Dantes encarregava-se de cobrar o rol das colegas, por amabilidade; mas uma vez, indo a uma república de estudantes, deram-lhe lá, ninguém sabia por quê, uma dúzia de bolos, e o pobre-diabo jurou então, entre lágrimas e soluços, que nunca mais se incumbiria de receber os róis.

E daí em diante, com efeito, não arredava os **pezinhos** do cortiço, a não ser nos dias de carnaval, em que ia, vestido de dançarina, passear à tarde pelas ruas e à noite dançar nos bailes dos teatros. [...]

Naquela manhã levantara-se ainda um pouco mais lânguido que do costume, porque passara mal a noite. A velha Isabel, que lhe ficava ao lado esquerdo, ouvindo-o suspirar com insistência, perguntou-lhe o que tinha.

Ah! muita moleza de corpo e uma pontada do vazio que o não deixava!

A velha recebeu diversos remédios, e ficaram os dois, no meio de toda aquela vida, a falar tristemente sobre moléstias.

E, enquanto, no resto da fileira, a Machona, a Augusta, a Leocádia, a Bruxa, a Marciana e sua filha conversavam de tina a tina, berrando e quase sem se ouvirem, a voz um tanto cansada já pelo serviço, defronte delas, separado pelos jiraus, formava-se um novo renque de lavadeiras, que acudiam de fora, carregadas de trouxas, e iam ruidosamente tomando lugar ao lado umas das outras, entre uma agitação sem tréguas, onde se não distinguia o que era galhofa e o que era briga. Uma a uma ocupavam-se todas as tinas. E de todos os **casulos** do cortiço saíam homens para as suas obrigações. [...]

AZEVEDO, A. **O cortiço**. São Paulo: Ática, 1999. p. 40-41. Edição Especial.

Considerando o fragmento transcrito e a obra de onde foi retirado,

- identifique os efeitos de sentido que a repetição do sufixo “inho” — **cabelinho**; **pescocinho**; **pezinhos** — produz no entendimento da caracterização de Albino;
- justifique, do ponto de vista da escolha do vocabulário, a utilização do substantivo “casulos” no texto.

Questão 04 (Valor: 15 pontos)

Leia, com atenção, os fragmentos a seguir:

I.

[...] Os condenados, que logo estrebuchariam na forca da Piedade, respondiam por aquele medo e pela insegurança de todos. D. Fernando José de Portugal e Castro, no governo da Bahia, podia compadecer-se dos ladrões e assassinos, mas não perdoava os inimigos do Rei. E pensar que ele, Valentim dos Anjos, mulato e pequeno negociante sem importância, escapara por milagre de envolver-se na conspiração!

[...]

[...] Trinta e tantos homens implicados na rebelião, ao que se dizia, estavam nas grades de D. Fernando José e dali apenas saíam para o degredo na África ou a morte na forca.

ADONIAS FILHO. **O largo da Palma**: novelas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 90-91.

II.

— Então? Acorda, cabra safado! Acorda, peste ordinário, cadê essa valentia de bandido? Acorda, ordinário!

Filomeno quis mexer o tronco para virar-se na direção do homem, mas não conseguiu mover-se, haviam-no deitado de lado e uma corda ligava a amarra dos pés à das mãos, pelas costas.

— Não precisa se virar para falar, fique quieto aí mesmo! — gritou o homem, dando-lhe outro pontapé.

— Que foi que teve?

— Tu não tem nada de perguntar nada, cachorro!

Desferiu novo pontapé, desta vez com muito mais força do que os anteriores, Filomeno teve um acesso de tosse.

— Qual dos dois é o chefe desse contrabando? — perguntou outro homem, que Filomeno não podia ver.

— Deve ser este daqui — respondeu o que dava os pontapés. — É o mais velho.

— É, eu sou o chefe, o chefe sou eu! — gritou Filomeno, percebendo que também falavam em Caruá. — Ele nem sabe nada do que eu estou trazendo, isso é um menino que eu tratei para cuidar das mulas.

— É, deve ser mesmo, o chefe é ele — disse o segundo homem. — Então mate este daqui, só precisamos levar um conosco para ser interrogado, já estamos atrasados.

RIBEIRO, J. U. **Viva o povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 551-552.

III.

Espreitámos, em vão. As mãos estavam vazias. Mas ele, com frio gesto, arregaçou as mangas e tornou visíveis duas cicatrizes, sulcando paralelas cada um dos pulsos. Seus dedos haviam pago caro — durante anos se moveram lentos, em arco de tartaruga.

— *Me amarraram nessa árvore. Me prenderam com cordas, deitaram sal nas feridas.*

— *Quem?*

— *Esses que vocês querem ajudar agora.*

Os argumentos de Sulpício eram por mim conhecidos. Quando chegaram os da Revolução eles disseram que íamos ficar donos e mandantes. Todos se contentaram. Minha mãe, muito ela se contentou. Sulpício, porém, se encheu de medo. Matar o patrão? Mais difícil é matar o escravo que vive dentro de nós. Agora, nem patrão nem escravo.

— *Só mudámos de patrão.*

COUTO, M. **O último vôo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2005. p. 137.

Os fragmentos transcritos retratam situações de poder mostradas em obras distintas.

Com base no contexto de cada uma das obras, faça um breve comentário sobre tais situações.

Questão 05 (Valor: 20 pontos)

Como no dia seguinte fosse passear ao roçado do padrinho, aproveitou a ocasião para interrogar a respeito o tagarela Felizardo.[...]

Olga encontrou o camarada cá embaixo, cortando a machado as madeiras mais grossas; Anastácio estava no alto, na orla do mato, juntando, a ancinho, as folhas caídas. Ela lhe falou.

- Bons dias, “sá dona”.
- Então trabalha-se muito, Felizardo?
- O que se pode.
- Estive ontem no Carico, bonito lugar... Onde é que você mora, Felizardo?
- É doutra banda, na estrada da vila.
- É grande o sítio de você?
- Tem alguma terra, sim senhora, “sá dona”.
- Você por que não planta para você?
- “Quá sá dona!” O que é que a gente come?
- O que plantar ou aquilo que a plantação der em dinheiro.
- “Sá dona tá” pensando uma coisa e a coisa é outra. Enquanto planta cresce, e então? “Quá, sá dona”, não é assim.

[...]

— Terra não é nossa... E “frumiga”? ... Nós não “tem” ferramenta... isso é bom para italiano ou “alemão”, que governo dá tudo... Governo não gosta de nós...

[...]

Ela voltou querendo afastar do espírito aquele desacordo que o camarada indicara, mas não pôde. Era certo. [...]

LIMA BARRETO, A. H. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1996. p. 103.

O diálogo entre Olga e o afro-descendente Felizardo — extraído de uma narrativa ambientada no final do século XIX, durante o governo de Floriano Peixoto, — revela, a partir do que diz Felizardo, uma concepção de Brasil e dos programas sociais do governo da época, o que contrasta com a visão utópica de Quaresma.

O filme “A invenção do Brasil”, de Guel Arraes, projeta também uma concepção de Brasil.

Com base na leitura do livro de Lima Barreto e no enredo do filme citado, faça um comentário sobre **os três pontos de vista em questão**, utilizando sua reflexão sobre a realidade brasileira. Aponte diferenças e semelhanças e justifique sua resposta.

Questão 06 (Valor: 10 pontos)

Que interesse tinha a mucama, que prazer achava em toldar a candura do coração da menina, e em encher o seu espírito de conhecimentos de funções naturais ainda alheias à sua idade, e de pensamentos desonestos? É fácil explicá-lo.

A escrava abandonada aos desprezos da escravidão, crescendo no meio da prática dos vícios mais escandalosos e repugnantes, desde a infância, desde a primeira infância testemunhando torpezas de luxúria, e ouvindo a eloquência lodosa da palavra sem freio, fica pervertida muito antes de ter consciência de sua perversão, e não pode mais viver sem violenta imposição fora da atmosfera empestada de semelhantes costumes, e das suas idéias sensuais; a mucama, pois, colocada ao pé da menina inocente, inexperiente e curiosa, leva-a, arrasta-a tanto quanto lhe é possível, para a conversação que mais a encanta, para as idéias e os quadros do seu sensualismo brutal.

Além disso a mucama escrava, que é sempre escolhida entre as mais inteligentes, compara-se com a senhora, e tendo muitas vezes presunção de excedê-la em dotes físicos, tem inveja da sua pureza e procura manchá-la para que ela não tenha essa auréola que nunca sentiu em si.

Finalmente, a mucama compreende por instinto que essa profanação da inocência, essas conversações lúbricas que às ocultas de seus pais a menina permite, estabelecem maiores condições de confiança, que lhe aproveitam, e por isso mesmo que humilham a senhora, ensoberbecem a escrava.

Lucinda era levada por todos esses sentimentos: mas principalmente pelo império que sobre ela tinha o demônio da luxúria.

MACEDO, J. M. **As vítimas-algozes**: quadros da escravidão. 4 ed. São Paulo: Zouk, 2005. p. 139-140 .

Na construção da personagem Lucinda, o narrador enunciador põe em evidência a luxúria, que contrasta com o comportamento de sua senhora.

A partir da análise do fragmento transcrito e da leitura da obra, comente as razões apontadas pelo texto para a conduta da mucama.





Universidade Federal da Bahia
Pró-Reitoria de Graduação - Prograd
Serviço de Seleção, Orientação e Avaliação
Rua João das Botas, 31, Canela - CEP: 40.110-160
Salvador - Bahia - Brasil - Telefax: (71) 3283-7820
www.vestibular.ufba.br • ssoa@ufba.br

**Direitos autorais reservados. Proibida a
reprodução, ainda que parcial, sem autorização
prévia da Universidade Federal da Bahia - UFBA**